

METODOLOGIAS ATIVAS NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM: UMA ABORDAGEM DAS MUDANÇAS SOCIAIS

Eliane Silveira Lemes Mota^{1*}, Fátima Araújo Carrijo¹, Iris Martins Moura²

RESUMO

Definimos sociedade como uma relação ecológica intraespecífica harmônica, onde os seus componentes desempenham papéis específicos de trabalho em prol do todo. Nossa sociedade não é perfeita e está em constante modificação. Os componentes dessa sociedade, caracterizada pela capacidade de adaptação aos mais diversos tipos de ambiente e de suas variações, passam seus conhecimentos frutos de erros e acertos, para gerações seguintes. A essa transmissão de conhecimento, chamamos de educação e esse processo educacional precisa ser modificado, de acordo com a necessidade dos novos membros da sociedade. Há necessidade de adequação do processo educacional, conhecimento e metodologia, à realidade atual. O contexto educacional está mudando novamente. Professores descrevem a falta de interesse e responsabilidade dos educandos, refletindo ausência ou mudança de objetivos; enquanto os educandos relatam aulas maçantes, repetitivas, costumeiras. Segundo Diesel, Baldez, Martins¹ (2017) apud Bauman (2009), “o passado é sólido e o presente é líquido”, ou seja, é fluido, adaptável ao ambiente em que se encontra, assumindo a forma necessária para cumprimento de suas funções. Como tudo que compõe a vida, a educação também se adapta, sempre se adaptou. Hoje, mais que nunca, em um mundo pós-pandemia, ela se adapta em todas suas vertentes. Modifica-se o papel do professor, os conteúdos que se exibem e são apropriados pelos alunos e, principalmente, as técnicas de ensino. É preciso compreender que as formas de se ensinar são tão importantes quanto o que se ensina em todos os níveis. Segundo Paiva et al.² (2016), aprendizado e ensino são complementares e dependem de diversos fatores um do outro, como o que será ensinado e como será aprendido, não trazendo resultados uniformes e sim variáveis.

O presente artigo se baseia em revisão de literatura e observações práticas de sala de aula em Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior.

Palavras-chave: Educação. Metodologias ativas. Ensino médio. Aprendizagem.

ABSTRACT

We define society as a harmonic intraspecific ecological relationship, where its components play specific working roles for the benefit of the whole. Our society is not perfect and is constantly changing. The components of this society, characterized by the ability to adapt to the most diverse types of environment and its variations, pass on their knowledge, fruit of mistakes and successes, to subsequent generations. We call this transmission of knowledge education and this educational process needs to be modified, according to the needs of new members of society. There is a need to adapt the educational process, knowledge and methodology to the current reality. The educational context is changing again. Teachers describe the students' lack of interest and responsibility, reflecting the absence or change of objectives; while students report dull, repetitive, customary classes. According to Diesel, Baldez, Martins¹ (2017) apud Bauman (2009), “the past is solid and the present is liquid”, that is, it is fluid, adaptable to the environment in which it finds itself, assuming the necessary form to fulfill its functions. Like everything that makes up life, education also adapts, it has always adapted. Today, more than ever, in a post-pandemic world, it adapts in all its aspects. The role of the teacher changes, the contents displayed and appropriated by the students and, mainly, the teaching techniques. It is necessary to understand that the ways of teaching are as important as what is taught at all levels. According to Paiva et al. (2016), learning and teaching are complementary and depend on several factors from each other, such as what will be taught and how it will be learned, not bringing uniform results, but variables. This article is based on a literature review and practical classroom observations in Elementary, High and Higher Education.

Keywords: Education. Active methodologies. High school. Learning;

1. Professora na instituição FAMP – Faculdade Morgana Potrich, Mineiros/GO – Brasil; instituição Colégio Estadual Deputado José Alves de Assis.

2. Professora na instituição Colégio Estadual Deputado José Alves de Assis.

*Autor para Correspondência. E-mail: elianemota@fampfaculdade.com.br



INTRODUÇÃO

A educação brasileira atual é resultada de várias adequações em sua história. De 1960 aos dias atuais estão aquelas mais marcantes para nossa análise, porém não podemos deixar de citar algumas alterações anteriores para sua contextualização. As alterações sofridas nesse período incluíram a quantidade de aulas por disciplina, as disciplinas trabalhadas, a estrutura curricular e, evidentemente, o aspecto financeiro que envolve todos os trabalhadores da educação.

Segundo Ferreti³ (2016), especificamente o Ensino Médio, já contemplou quatro anos, cinco anos, denominou-se colegial, depois clássico, científico, incluiu e excluiu o ensino técnico e profissionalizante. De acordo com as discussões, “a chave do problema do ensino secundário estava em equacionar sua finalidade” (Ferreti, apud Souza, 2009, p.79).

A luta entre classes sociais se refletiu na educação secundarista. Um grupo de estudiosos entendia que os avanços científicos estavam ligados a educação da população e desejava que o país progredisse através do ensino expandido às classes sociais baixas ou populares. A elite social não concordava com essa visão, desejando que o conhecimento científico e literário estivesse disponível apenas ao pequeno grupo de classe social mais alta.

Em 1942, o movimento conhecido como Reforma Capanema, criou o Ensino Industrial. Entre 1943 e 1945, surgiu o Ensino Comercial. Com isso, houve a popularização do ensino secundarista, mas com uma educação diferenciada para a classe trabalhadora. O conhecimento científico e literário continuou elitizado, concentrado prioritariamente ao ensino privado e militar.

Em 1961 surge a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Nacional, acompanhando a industrialização do país. Retoma-se a discussão sobre a descentralização e democratização do ensino brasileiro. O governo defendia a escola pública e laica, sendo representado por educadores e congressistas. A igreja católica defendia o direito das famílias em escolher a escola que seus filhos iriam frequentar e o tipo de ensino que iriam receber, podendo manter assim um ambiente conservador. Era uma nova tentativa da classe alta, de manter a elitização do ensino.

Segundo Ferreti³ (2017) a LDB flexibilizou e diversificou o currículo, dividindo o ensino em cursos secundários, técnicos e de formação de professor para ensino primário e pré-primário, além de determinar que seriam ministradas oito disciplinas, sendo uma ou duas optativas, da escolha do estabelecimento. Além disso, a terceira série deveria abranger disciplinas que visassem o preparo dos alunos para curso superior.

De acordo com Werebe⁴ (1968), os cursos clássicos passaram a ser mais frequentados por indivíduos de sexo biológico feminino e o ensino médio científico, mais frequentado por indivíduos de sexo biológico masculino, principalmente devido a questão social voltada a preparação desses últimos ao ingresso em ensino superior.

Outra grande reviravolta atingiu o ensino brasileiro com o golpe de 1964. A educação passou a ser orientada contra as ideias de Kubitscheck, que haviam disseminado pensamentos revolucionários relacionados ao setor econômico-financeiro urbano, administrativos, agrários e universitário. Evidentemente, classes médias, trabalhadores e empresários alinhados com o pensamento nacional desenvolvimentista apoiaram essa prática, mas empresários tradicionalistas e militares se opuseram. Os artífices do golpe defendiam a necessidade da formação de trabalhadores para a mão de obra qualificada de forma urgente. Então, foram criados programas emergenciais, como o MOBREAL e cursos de graduação de curta duração. O ensino médio passou a se apresentar de duas formas diferentes, sendo o profissionalizante para alunos de baixa e média renda e o clássico para alunos de renda superior, apresentado principalmente em colégios elitizados. No entanto, a triste realidade social se confrontava com o belo plano educacional: faltavam condições físicas, equipamentos e pessoal qualificado para o ensino profissionalizante. Não podemos deixar de realizar a comparação com a atualidade em nossos colégios públicos, que ainda enfrentam os mesmos problemas.

Em 1968, os estudantes tomam a voz no país e pressionam o governo por mais vagas nas universidades públicas. Isso foi considerado, pelos militares, uma ameaça à cidadania, atos subversivos. Segundo Cunha⁵ (1977) a profissionalização foi usada como resposta às ansiedades da sociedade, mas na verdade, teve um papel de conter a demanda para graduação. Novamente, vemos os mesmos processos ocorrendo atualmente com a criação de cursos profissionalizantes e o novo ensino médio.

A lei 7.044, de 1982, provocou nova reviravolta no Ensino Médio, tornando os cursos profissionalizantes opcionais. Segundo Ferreti³ (2016), isso praticamente extinguiu esses cursos. Já em 1996, no governo de Fernando Henrique Cardoso, a lei 9.394 separou o Ensino Médio do profissionalizante, em capítulos diferentes. O decreto 2.208/1997 separou, sem deixar dúvidas, os dois tipos de ensino. Em 1998/99, a Diretriz Curricular Nacional para o Ensino Médio deixa claro a formação de indivíduos que atuem socialmente para o trabalho e para o consumo.

As Diretrizes Curriculares Nacionais⁶ (2011) nos revelam “interpretar, analisar, criticar, refletir, rejeitar ideias

fechadas, aprender, buscar soluções e propor alternativas” (DCNEM, 2011, p. 22). No documento fica claro os três grandes princípios orientadores: o trabalho (princípio educativo), pesquisa (princípio pedagógico) e direitos humanos (princípio norteador).

No entanto, em fevereiro de 2017, o atual presidente da república, Michel Temer, assina a lei 13.415/2017 que alterou as Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu mudanças na estrutura do ensino e uma reforma na grade curricular, criando o Novo Ensino Médio. Nessa nova estrutura o Ensino Médio passa a apresentar disciplinas optativas e itinerantes formativos, que ocupam boa parte da formação curricular. Em contrapartida, as provas externas, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) continuam avaliando os conteúdos clássicos exigidos para o ingresso no Ensino Superior.

Podemos observar que os mesmos problemas continuam a ocorrer na educação brasileira, em um ciclo de incertezas e segregação social e cultural. Em busca de melhores condições educacionais, entra em pauta a modificação de estratégias de ensino, como a utilização de Metodologias Ativas.

METODOLOGIAS ATIVAS NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

A história da educação é ligada diretamente a história da sociedade, pois faz parte dela. Nos chama a atenção a questão de diferenças sócio-econômicas para a elaboração de um plano educacional. Acrescentado a isso, o planeta sofreu desde a revolução industrial, profundas modificações e avanços tecnológicos, trazendo além do conforto, a tão famosa globalização que, diz Lovato⁷ et al. (2018), é consequência do processo de construção de um conhecimento científico, tendo como consequência o desenvolvimento social e sustentável. Em 2020, o mundo ainda passa pela pandemia provocada pelo novo corona vírus causador da COVID-19, levando a população de praticamente todo o planeta a se isolar fisicamente, mas escancarando a nova perspectiva de convívio social: o relacionamento on-line.

Segundo Moran⁸ (2015), as gerações desde então, já formavam a “sociedade do conhecimento, baseada em competências cognitivas, pessoais e sociais, com exigência de proatividade, colaboração, personalização e visão empreendedora”. Após 2020, essa urgente exigência, se tornou uma emergência. A mente repleta de dúvidas e curiosidades, agora conectada a um universo digital, necessita de formas diferentes de abordagem e, mais que isso, necessita de orientação para a busca e construção do

conhecimento. Lovato⁷ et al. (2018) denomina nossa era de Era Tecnológica.

Surge então, a necessidade de uma escola diferente e diferenciada, que seja a conexão entre o mundo digital e a realidade, que seja capaz de ligar o mundo físico da sala de aula com o mundo eletrônico, computacional. Moran⁸ (2015) ainda acredita que as mudanças podem ocorrer de duas formas: suave, com mudanças progressivas, com manutenção do modelo disciplinar e com maior envolvimento do aluno; ou profunda, com mudanças amplas, sem disciplina, onde cada aluno aprende no seu ritmo e necessidade.

Moran⁸ (2015), lembra que vários estudiosos da educação, como Dewey, Freire, Rogers e Novack, já indicavam a necessidade de superação da educação tradicional e a transformação do educando em protagonista de seu próprio ensino.

Tentando então, a adaptação para o novo momento do ensino aprendizagem, surgem as Metodologias Ativas, inicialmente em cursos da área da saúde e agora ampliando para todos os níveis de ensino. Para Diesel, Baldez e Martins¹ (2017), as Metodologias Ativas estimulam a autoaprendizagem. Mas, segundo Paiva² et al. (2016), essas metodologias não trazem resultados uniformes, ao contrário, ricos em variáveis, já que o educando é o maior responsável pelo seu aprendizado.

O único caminho direto para o aperfeiçoamento duradouro dos métodos de ensinar e aprender consiste em centralizá-los nas condições que estimulam, promovem e põem em prova a reflexão e o pensamento. Pensar é o método de se aprender inteligentemente, de aprender aquilo que se utiliza e recompensa o espírito. (Dewey⁹, 1959, p.167)

É explícito que essa forma de trabalho não é infalível, sendo necessário a atenção do educador para sua utilização. O planejamento é a chave do sucesso de todos os tipos de metodologias ativas e a clareza das competências e habilidades a serem alcançadas são os norteadores das atividades e, sem elas há grande possibilidade de insucesso. Moran⁸ (2015) o planejamento docente inclui o professor como mediador ou orientador dos trabalhos, acompanhando o desenrolar do processo e os resultados, além de estar atento as necessidades do grupo e de cada indivíduo. Outro ponto importante é a infraestrutura da unidade de ensino, que deve oferecer rede wi-fi eficiente, espaço com mesas ou cadeiras para as atividades, número coerente de alunos, coordenadores ou professores de apoio para auxílio do professor. Todos esses pontos são importantes para a realização da metodologia.

Assim como todas as metodologias utilizadas com responsabilidade em sala de aula, o professor precisa trazer atrativos para a Metodologia ativa, como desafios que reproduzam a realidade, imagens interessantes, jogos interativos, competição construtiva, premiações, tempo delimitado, dentre outras características.

Para Lovato⁷ et al. (2018), as Metodologias Ativas abrem espaço para os educandos se socializarem com respeito e reconhecimento, aceitando as diferenças inclusive entre alunos com e sem deficiências. Ainda há atividades que exigem colaboração ou cooperação que segundo o mesmo autor, se diferem devido a colaboração exigir de todos a mesma ação e responsabilidade, enquanto a cooperação exigir mais do professor como organizador.

O ato de pensar por parte do aluno, mobilizado diante de um problema, ocorreria em cinco etapas: a percepção de uma dificuldade, a análise dessa dificuldade, as alternativas para sua solução, a experimentação de várias tentativas até a aprovação mental de uma delas e a ação como a prova final para a ação proposta, sendo verificada de maneira científica (Gadotti¹⁰, 2005).

CONCLUSÃO

O Brasil é um país com dimensões continentais, que busca seu caminho para contribuição na construção do conhecimento científico mundial. Somos uma nação com histórico de segregação racial, social e educacional, o que nos traz um alto custo cultural.

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) é uma organização internacional que conta com 38 países membros efetivos e, em 2022 convidou mais seis países, entre eles o Brasil, para se integrarem. Tal organização realiza avaliações para levantamento dos dados do Programa Internacional Para a Avaliação de Alunos (PISA), que avalia a educação no planeta. Em 2016, os brasileiros marcaram em média, 401 pontos nessas avaliações, sendo a média OCDE de 493 pontos. Em unidades de ensino de rede pública, a pontuação é ainda mais baixa: 394 pontos, sendo o desempenho dos indivíduos de sexo masculino maior que a nota dos indivíduos de sexo feminino (MEC-2016).

Esses dados nos mostram que a educação brasileira suspira por modificações. O mundo sofreu mudanças bruscas na última década e a comunidade acadêmica precisa acompanhar os desejos do seu objeto de transformação: o educando.

Nessa busca por aprimoramento e sucesso dos recém-cidadãos, os professores dos vários níveis de educação

iniciam um trabalho diferenciado com a utilização de metodologias ativas. Buscar a melhor dessas metodologias, a mais adaptada a sua realidade, planejar com paixão e competência, aliar ao domínio do assunto, a orientação responsável e cooperação da unidade de ensino, pode trazer o sucesso a nova geração que está chegando com a tecnologia na palma de sua mão.

Portanto, a aplicação metodologias ativas de aprendizagem desempenha um papel importante na educação, especialmente no Brasil, onde o setor precisa de uma transformação substancial, não apenas investindo em bons conteúdos, mas também reconhecendo a necessidade de aprimorar os métodos educacionais. É de extrema importância considerar a formação integral do indivíduo quando se pensa em uma educação acolhedora, inclusiva e libertadora para as presentes e futuras gerações.

REFERÊNCIAS

- ¹ DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silvana Neumann. **Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica**. Revista Thema, v. 14, n. 1, p. 268-288, 2017.
- ² PAIVA Ferreira, M. R.; FEIJÃO Parente, J. R.; ROCHA Brandão, I.; BOMFIM Queiroz, A. H. **Metodologias Ativas De Ensino-Aprendizagem: Revisão Integrativa**. SANARE - Revista de Políticas Públicas, [S. l.], v. 15, n. 2, 2017.
- ³ FERRETI, C. J.; SILVA, M. R. Da. **Reforma Do Ensino Médio No Contexto Da Medida Provisória N^o 746/2016: Estado, Currículo E Disputas Por Hegemonia**. Educação & Sociedade, v. 38, n. Educ. Soc., 2017 38(139), p. 385-404, abr. 2017.
- ⁴ WEREBE, Maria José Garcia. **Grandezas e misérias do ensino no Brasil**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968.
- ⁵ CUNHA, Luiz Antonio. **Política educacional no Brasil: a profissionalização no ensino médio**. Rio de Janeiro, Eldorado, 1977.
- ⁶ MEC/SEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, 5 de maio de 2011.
- ⁷ LOVATO, Fabricio Luís; MICHELOTTI, Angela; DA SILVA LORETO, Elgion Lucio. **Metodologias ativas de aprendizagem: uma breve revisão**. Acta Scientiae, v. 20, n. 2, 2018.
- ⁸ MORAN, Jose. **Mudanças necessárias na educação, hoje. Ensino e Aprendizagem Inovadores com apoio de tecnologias**. In: MORAN, Jose. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. Campinas: Papirus, 21^a Ed. 2014; p. 21-29.
- ⁹ DEWEY, John. **Democracia e educação: introdução à filosofia da educação**. 3 ed. Trad. Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1959a.

¹⁰ GADOTTI, M. (2005) **História das Ideias Pedagógicas**. São Paulo, SP: Editora Ática. Helm, J. H., & Katz, L. G. (2001) *Young Investigators: The Project Approach in the Early Years*. New York: Teachers College Press.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996.